

A Estética e a Ecologia em Frans Krajcberg¹

MAGALY PESSOA NUNESMAIA

Aluna Especial do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA/UFBA) na linha de pesquisa de História da Arte Brasileira. Especialista em Arte-Educação, Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Licenciada em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica de Salvador (UCSal); Bacharel em Museologia com habilitação em museus de Arte e de História (UFBA). Idealizadora, Coordenadora e Consultora do 'Ecorrastros: Laboratório de Arte-Ecoalfabetização' realiza projetos transdisciplinares em uma perspectiva sistêmica, para aproximação de crianças das Linguagens da Arte, da Ecologia e do Museu, intermediados pela obra do artista Frans Krajcberg.

ecorrastros@gmail.com

¹ Trabalho apresentado à disciplina (EBA 533) Artes Visuais na Bahia, do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, (PPGA-EBA-UFBA) em julho de 2011.

Resumo

Enfatiza as relações entre o pensamento e o engajamento ecológico de Frans Krajcberg e sua poética artística, verificadas mediante a aproximação da perspectiva curatorial do artista, na mostra “Grito: Ano Mundial da Árvore”, realizada na Sala de Arte Contemporânea do Palacete das Artes – Rodin Bahia, no período de 7 de abril a 17 de julho de 2011, na cidade de Salvador. O percurso construtivo deste artigo perpassa pelo conjunto de obras selecionadas pelo artista para composição do projeto expográfico, pontuando a representatividade do recorte apresentado para a compreensão do processo criativo de Krajcberg ao longo de décadas. Discorre acerca da relevância de suas ideias, que desde a década de 1950 exacerba as possibilidades construtivas de uma nova visualidade, comprometida politicamente com a questão ambiental, e que, ao adentrar a segunda década do século XXI, permanece inovadora, criando estratégias simbólicas e metafóricas de comunicação com o interator, apropriando-se de múltiplas técnicas para renovação de discursos imagéticos que ratifiquem e reverberem o seu **grito** em favor da Vida. A dialética de sua obra e vida provoca contundentes reflexões, estabelecendo neste texto interfaces sutis com autores como Fritjof Capra, Edgar Morin, Paulo Freire, Fausto Azevedo, dentre outros.

Palavras-chave: Frans Krajcberg. Grito. Arte. Ecologia.

Introdução

Ao completar 90 anos, em 12 de abril de 2011, o artista Frans Krajcberg organiza uma exposição, com o apoio do Governo do Estado da Bahia, no Palacete das Artes – Rodin Bahia, que considera particularmente especial, por ser sua homenagem às árvores, marcando sua participação nas comemorações do ‘Ano Internacional das Florestas’, estabelecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para as reflexões sobre o meio ambiente em todo o mundo.

A profunda relação entre florestas e biodiversidade estabelece a sinergia entre o ‘Ano Internacional da Biodiversidade’, comemorado em 2010, e a celebração do ‘Ano Internacional das Florestas’, em 2011, como um meio para se unir esforços, encorajando a participação de todos os povos na discussão ecológica, que enfatiza a preservação dos sistemas de suporte à Vida. Com o tema “**Florestas para o povo**”, a proposição é vista como uma estratégia educacional a ser utilizada no conjunto de ações que contribuem para o desenvolvimento de uma consciência planetária sustentável que conduza a um processo de compromisso coletivo com os sistemas vivos e com a qualidade na vida cotidiana das pessoas, exaltando o papel fundamental de cada um, na gestão, conservação e exploração sustentável das florestas do planeta.

Entusiasmado em participar do engajamento a esta proposta, Krajcberg enfatiza, desde a escolha do título da mostra – Grito: Ano Mundial da Árvore –, seu desejo maior, implícito na



coerência de seu trabalho ao longo de décadas, em despertar o olhar e a consciência da comunidade planetária para a exploração desmedida dos recursos naturais, que compromete seriamente a teia de interdependência dos ciclos ecológicos que sustentam a vida, presente nas florestas.

“Há um povo que mora lá e ninguém liga?”, questiona o artista na coletiva de imprensa realizada na manhã de uma quarta-feira, 6 de abril, véspera da abertura da exposição para o público.

Configura-se em oportunidade privilegiada para a autora, sistematizar a documentação museológica da referida exposição, o que deflagrou um processo de aproximação com a poética e com a estética ecológica do artista, objeto de estudo proposto para aprofundamento de pesquisa na linha de História da Arte Brasileira, no Programa de Pós-Graduação em Artes, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, que se inicia com a elaboração deste artigo, como requisito para obtenção de crédito de aprovação na disciplina Artes Visuais na Bahia, ministrada pelo professor, Dr. Luis Alberto Ribeiro Freire, no supracitado curso de Mestrado.

Na mostra ‘Grito: Ano Mundial da Árvore’ Krajcberg apresenta um recorte significativo de sua diversidade artística, representado por 12 esculturas e mais um conjunto com cinco obras da ‘Série Africana’. Oito relevos com ‘sombras recortadas’ e 16 fotografias, em cores, impressas em lâmbida sobre gattofoam, a partir do original do artista, estimulam a fruição estética do público visitante, que tem ainda a sua disposição no espaço expositivo, o filme ‘Frans Krajcberg: O Poeta dos Vestígios’ de Walter Salles, e as fotografias digitais do artista que compõem o livro ‘Natureza’ (KRAJCBERG, 2011b) lançado no dia da abertura. A Figura 1 ilustra este contexto.

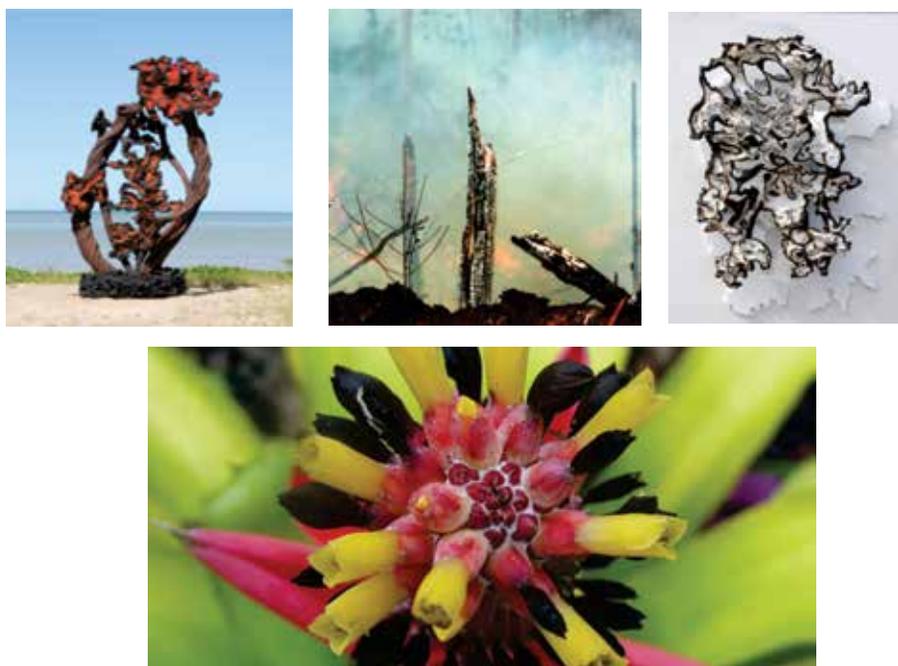


Figura 1 – Escultura, fotografias e relevo de Frans Krajcberg

Fonte: Fotografias de Frans Krajcberg, disponibilizadas para divulgação da supracitada mostra.

Para compreender a gênese do pensamento construtivo da Estética em Krajcberg, é imprescindível revisitar os anos 1940 e o contexto da sua vivência na segunda guerra mundial, que o leva a migrar para o Brasil, onde renasce da barbárie na descoberta da natureza tropical. Paralelamente faz-se necessário direcionar o olhar para o campo da arte, conforme cita Lolato (2005, p. 24), onde movimentos múltiplos e simultâneos compunham as tendências artísticas modernas, desde o início do século XX, resultado de transformações de ordem social ocorridas desde o século XIX, passando a coexistir as inovações temáticas e as inovações técnicas, ainda que, principalmente, nos limites formais da pintura e da escultura, quando encontramos o Cubismo, o Fauvismo, o Futurismo, o Dadaísmo, o Surrealismo, o Construtivismo, dentre muitos outros, para perceber que a criação plástica de Krajcberg se aproxima destas vanguardas no aspecto da liberdade de experimentar – o que segundo Moraes (2000, p. 163) desde os anos 1950

o torna precursor ou no mínimo um renovador de algumas das tendências fundamentais da arte deste século.

Considerando a natureza como um laboratório de novas formas e possibilidades criativas, Krajcberg diferencia-se dos artistas ligados as vanguardas européias do século XX, que passam a utilizar materiais industriais e objetos do cotidiano em suas produções (VENTRELLA; BORTOLOZZO, 2007, p. 16).

De acordo ainda com Morais (2000, p. 163) ele renova o conceito de apropriação ao substituir as sobras da sociedade industrializada por fragmentos da natureza, reelaborando-os em suas esculturas e relevos. Krajcberg revoluciona a arte da gravura ao fazer suas impressões diretamente na pedra, ou através da intermediação de moldes de gesso, na areia e em folhas de árvores, com o que antecipa tendências arqueológicas da arte atual, criando ainda, um cinetismo naturalista, não-mecanicista com seus quadros-objetos dos anos 1960.

Em mais de meio século de atividade criativa ininterrupta, o estético se confunde com o político e o ecológico, e é a imersão neste universo complexo que nos conduzirá ao desvelamento de suas obras, onde a natureza é a matriz e fundamento de todo o processo.

No impressionismo, movimento que marcou a primeira grande mudança artística desde a Renascença, os artistas abandonaram todas as regras que acompanharam a arte por séculos: a perspectiva, a composição com formas equilibradas, as figuras desenhadas de forma meticulosa, entre outras características que libertaram em princípio a pintura, seguindo-se por rupturas na escultura a partir do trabalho de Constantin Brancusi, que, em 1904, estiliza a figura humana e questiona os conceitos tradicionais de beleza e perfeição (VENTRELLA; BORTOLOZZO, 2007, p. 14-16).

A produção contemporânea emancipa-se em relação às normas estabelecidas em épocas anteriores, proporcionando aos artistas uma liberdade criadora que por meio de sua poética, comunica o que julgam necessário refletir, denunciar e discutir.

Muitas pistas da história da arte brasileira e mundial poderiam ser seguidas para dimensionar a complexa motivação de Krajcberg em experimentar e reelaborar a estética da natureza como extensão de sua expressão artística e engajamento ecológico. Opta-se, porém, devido às limitações no formato deste artigo, por aprofundar estes aspectos em imersão posterior, ao pretender registrar os resultados da pesquisa em formato acadêmico de uma dissertação.

O RENASCIMENTO NO BRASIL

É de amplo conhecimento no âmbito da História da Arte, o panorama biográfico de Frans Krajcberg, artista consagrado tanto pela dimensão humana de sua história existencial quanto pela significância de sua produção artística que desde muito cedo, adquire poder simbólico e deflagra um movimento questionador, com alcance e reconhecimento internacionais, acerca do rumo que nossa sociedade tem tomado e das escolhas que seus líderes tem feito.

Na sua trajetória, Frans Krajcberg, atua como escultor, pintor, gravador, fotógrafo, realizando estudos de engenharia e artes na Universidade de Leningrado, hoje São Petersburgo, na Rússia. Em 1939, a invasão da Polônia pela Alemanha marca o início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), onde o artista perde toda a família – pai, mãe e quatro irmãos – em um campo de concentração nazista.

Abandona os estudos para incorporar-se ao exército polonês e luta na frente de batalha, durante os anos que se seguem. Em 1945, com o término da guerra, na expectativa de reconstruir sua vida, muda-se para a Alemanha, ingressando na Academia de Belas Artes de Stuttgart, onde é aluno de Willi Baumeister², artista e professor que o aproxima do expressionismo abstrato, estilo que Krajcberg inova, ao se distanciar da pintura e pesquisar novas possibilidades de uso de técnicas e materiais para construção de sua linguagem poética, que denota a influência do pensamento de Baumeister (2005):

Formas abstratas podem conter, reter, ou absorver forças reais... As manifestações não objetivas do espírito humano estão abertas ao transcendental. As pinturas objetivas estão sempre, mais ou menos, carregadas com a gravidade da Terra e não têm asas que lhes permitam voar.

Depois de uma curta passagem por Paris, migrou para o Brasil, em 1948, em circunstância econômica precária e emocionalmente revoltado com a capacidade de destruição do *Homo sapiens 'demens'*. A natureza tropical o surpreende e o seduz, realimentando sua sensibilidade de artista.

A partir daí, seu percurso artístico relaciona-se com a natureza dos lugares por onde passou, viveu e trabalhou: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Paris, Ibiza, Minas Gerais, Mato Grosso, Amazônia, até o encontro com a cidade de Nova Viçosa no Extremo Sul da Bahia. Nessa cidade, em 1971, Frans Krajcberg e José Zanini Caldas idealizaram um projeto cultural, que consistia

² Willi Baumeister (1889-1955) fotógrafo, tipógrafo, cenógrafo, artista perseguido pelos nazistas, ex-professor da Bauhaus, escola alemã de arquitetura e desenho que combatia a arte pela arte e estimulava a livre criação para formação de pessoas com um olhar crítico para os fenômenos culturais e sociais do mundo moderno (VENTRELLA; BORTOLOZZO, 2007, p. 22).

em uma escola livre de arte e arquitetura, no intuito de despertar o olhar para o que Nova Viçosa tinha de mais belo – a natureza – com sua vegetação de restinga, seus manguezais, suas praias e a exuberante Mata Atlântica (ALBUQUERQUE, 2006, p. 43).

Meio século separou o ano de 1921, ocasião de seu nascimento em Kozienice Polônia, do renascimento em 1971, época que decide, ao encontrar-se com a Bahia e sua exuberante natureza, residir à proximidade com a Mata Atlântica e com os manguezais de Nova Viçosa. Integrando-se ao ecossistema local torna-se baiano, e redireciona seu percurso artístico que o conduz a estabelecer uma “simbiose” entre Arte e Vida, a qual ele batizou de Naturalismo Integral.

A obra de Frans Krajcberg intensifica gradativamente a importância da arte como conceito, ideia e pensamento, provocando inquietantes questões de ordem ética e política, diante da realidade de progressiva devastação ambiental, sobretudo das florestas brasileiras, registrada mediante a materialização dos seus objetos-arte, ressurgidos dos vestígios produzidos pelas queimadas criminosas em todo o país.

De acordo com Moraes (2000, p. 98), não existem fases na obra do artista. Indica que nas décadas de 1950 e 1960 ainda era possível identificar certa visão setorial da natureza vinculada a determinadas regiões como Cata Branca e Ibiza, ou situá-la numa ordem temporal, cronológica. A partir dos anos 1980, sua visão da natureza brasileira é abrangente, totalizadora, onde a construção de uma unidade visual, atribuída a séries ou conjunto de obras, advém do resultado do emprego em soluções formais da mistura de materiais apropriados e deslocados de procedências diversas, para o universo da arte.

Krajcberg é um dos grandes representantes da arte contemporânea brasileira, detentor de diversos prêmios, já expôs em várias partes do mundo, a convite de museus e galerias. Desde 1973 mantém dois ateliês permanentes: um em Nova Viçosa na Bahia (Figura 2), e outro, em Paris, França (SANT’ANA; PRATES, 2009, p. 36).



Figura 2 – Ambiente do ateliê no Sítio Natura (set. 2009)

Fonte: Acervo da autora.

EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS

A estética em Krajcberg está relacionada diretamente à observação, à pesquisa e utilização de elementos da natureza, que processa, experimenta e reorganiza plasticamente em suas criações mediante o enfoque da defesa da ecologia.

Para compreensão da complexidade compositiva do universo poético de Frans Krajcberg, recorre-se ao crítico Frederico Morais³ que caminha pela década de 1950 verificando em suas pinturas, forte tendência à abstração, onde emaranhados de linhas vigorosas em tons ocre e

3 Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1834&cd_idioma=28555&cd_item=3>. Acesso em: 29 maio 2011.

cinza, fazem alusão a motivos da floresta paranaense, ambiente onde à época o artista reside. Já ao encontrar-se em Ibiza, na Espanha, entre 1958 e 1964, produz trabalhos em papel japonês modelados sobre pedras e pintados a óleo ou guache. Essas “impressões” são realizadas com base no contato direto com a natureza, aproximando-se, em suas visualidades, de paisagens vulcânicas ou lunares. A partir de 1959, produz as primeiras “terras craqueladas”, relevos quase sempre monocromáticos, com pigmentos extraídos de terras e minerais locais. Durante a década de 1960, de volta ao Brasil, instala um ateliê em Cata Branca, Minas Gerais, e é a partir desse momento que ocorre em sua obra a explosão no uso da cor e do próprio espaço. Começa a criar as “sombras recortadas”, relevos nos quais associa cipós e raízes, a madeiras recortadas como projeções de sombras que, opõem a geometria dos recortes à sinuosidade das formas naturais, aprimorando seu trabalho de escultor com intervenções em troncos e raízes, entendendo-os como desenhos no espaço. Destaca-se que para compor a citada exposição em homenagem às florestas Krajcberg selecionou oito deles.

De acordo ainda com Frederico Morais, na década de 1980, Krajcberg continua a inovar em suas técnicas de expressão, iniciando nova série de “gravuras”, que consiste na modelagem em gesso de folhas de embaúba e outras árvores centenárias, impressas em papel japonês (MORAIS, 2000). Também nesse período realiza a *série africana*, utilizando raízes, cipós e caules de palmeiras associados a pigmentos naturais, presente na sua mostra de 2011, ‘Grito: Ano Mundial da Árvore’.

Desde então Krajcberg intensifica sua produção de esculturas, diversifica seus materiais agrupando-os, superpondo-os ou fundindo numa única peça as estruturas vegetais coletadas em várias regiões do Brasil: madeiras e pigmentos minerais de Minas Gerais, cipós da Amazônia e raízes-escoras do mangue de Nova Viçosa como base para troncos das palmeiras calcinadas no Mato Grosso etc. (VENTRELLA; BORTOLOZZO, 2007, p. 68).

Neste sentido, realizou uma série de expedições aos locais de maior devastação na Amazônia e no Pantanal Mato-Grossense, aguçando a ecopercepção, fotografando e recolhendo uma vasta quantidade de matéria-prima para suas esculturas – troncos e galhos retorcidos pelo calor das queimadas, que no fazer do artista são comparadas por Morais (2000, p. 3) a arquiteturas vegetais, que virtualizam tanto a floresta gótica no interior das catedrais quanto a abóbada do edifício religioso barroco, uma escultura que se desdobra em outra, resultando num estranho e belo híbrido.

NATURALISMO INTEGRAL, ARTE E POLÍTICA

Direcionando-se o olhar para o contexto histórico compreendido pelas dinâmicas sociais e culturais dos anos 1960-1970, verifica-se que as questões ambientais começam a aguçar a percepção dos artistas e desponta no Brasil uma arte de cunho político e revolucionário. Nomes como o de Frans Krajcberg e do Grupo Etsedron - o Averso do Nordeste desencadeiam processos artísticos pioneiros, de denúncia contra o descaso com a vida, em tempos de opressão e censura, de acordo com Oliveira (2008, p. 15).

Considerando-se que o modelo de desenvolvimento vigente nas sociedades contemporâneas nos coloca diante de uma crescente crise de valores individuais e coletivos que compromete a qualidade na vida e suscita questões críticas de sustentabilidade em diversas dimensões, indaga-se: como as artes visuais na atualidade participam ou poderiam participar do processo de conscientização acerca da crescente devastação da natureza?

Partindo da premissa segundo a qual a arte não deve se distanciar da realidade socioambiental e de que o artista deve participar politicamente do seu tempo, Krajcberg assume enfaticamente a luta em favor da preservação dos seres vivos e da saúde do Planeta Terra, evidenciada no caráter de denúncia contra a degradação ambiental, expressa em seus trabalhos e em sua participação ativa enquanto promotor da consciência ecológica, defensor da natureza e de suas possibilidades de encontro e diálogo com a arte.

A ecologia, matéria tão discutida na atualidade, permanece como preocupação e foco da obra do artista Frans Krajcberg. Ratificando seu interesse e compromisso com o alargamento de visões, busca promover debates e sensibilizar com sua arte para uma mudança de atitude da sociedade contemporânea, acerca das relações entre os seres humanos, e destes, para com os sistemas de suporte à vida no Planeta Terra. Conforme Scovino⁴ (2010):

Sua série de obras com raízes e troncos calcinados transmite à arte um estado de vigilância e atenção: não estamos diante da metodologia de um cientista ou de um botânico, mas de um artista, que mergulhado em seus princípios morais de cidadão, explora a tessitura daquela organicidade e nos desloca para um território repleto de silêncios e absurdos.

Frans Krajcberg torna-se um dos artistas de maior atuação política da arte contemporânea brasileira, denunciando os crimes ecológicos e transformando restos da natureza devastada em matéria-prima para seu trabalho, conforme Sant'Ana e Prates (2009, p. 36). Nesta direção, o

⁴ Felipe Scovino é professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, curador e autor de ensaios sobre arte brasileira para diversas publicações, entre elas para o catálogo “Connect: A Gentil Carioca”, editado pelo Instituto de Relações Exteriores (Institut für Auslandsbeziehungen – IfA) em 2010.

artista persevera na ideia de fazer arte como possibilidade de uma participação sociopolítica crítica em favor da Vida distanciando-se de aspectos puramente mercadológicos, para aproximar-se de uma dimensão humana, que ultrapassa a visão reducionista de mundo direcionada para o lucro, o consumo e o domínio da Natureza.

De acordo com Gadotti (2000, p. 178), a desejada consciência ecológica emergirá quando o sentido de unidade for tocado, ou seja, quando cada um de nós sentir-se verdadeiramente vinculado a todas as formas de vida e aos mistérios da existência. A mudança fundamental, portanto, deve ser na nossa forma de pensar, passando da ênfase nas partes para a ênfase no todo, como nos indica Capra (2006, p. 33).

Vale enfatizar a importância para a vida e obra de Frans Krajcberg da realização em 1978 da viagem pelo Alto Rio Negro, Amazônia, que resultou no texto do ‘Manifesto do Rio Negro’, experiência que o transforma em um ecologista profundo. Escrito pelo amigo e crítico de arte de renome internacional, Pierre Restany, no Alto Rio Negro, Amazônia, em uma quinta-feira, 03 de agosto de 1978, na presença do artista Sepp Baendereck e de Frans Krajcberg. O manifesto é citado em diversas publicações e críticas de arte, referentes ao universo da obra do artista. Ressalta-se que na mostra ‘Grito: Ano Mundial da Árvore’, se encontra em parede de destaque, coerente com a importância que o artista lhe atribui para conceitualização de sua obra e para a compreensão do sentido de sua essência existencial.

O manifesto parte da constatação de que “no espaço-tempo da vida de um homem, a natureza é a medida de sua consciência e de sua sensibilidade”, para chegar à certeza de que “a natureza original deve ser exaltada como uma higiene da percepção, e um oxigênio mental: um naturalismo integral, gigantesco, catalisador e acelerador das nossas faculdades de sentir, pensar e agir.” (VENTRELLA; BORTOLOZZO, 2007, p. 43).

Nunesmaia (2009, p. 43) destaca o pensamento de Frans Krajcberg expresso no depoimento de que a natureza amazonense coloca sua sensibilidade de homem moderno em questão, como também coloca em questão a escala dos valores estéticos tradicionalmente reconhecidos. Diz ainda, que o artista não deve apenas ir ao encontro à natureza, mas participar de sua época. “Queria captar a natureza em seu sofrimento e ser solidário. Comecei a fotografar para ver melhor, mais perto, além do olhar.” (KRAJCBERG, 1992, p. 46-53). A Figura 3 ilustra a ambiência que culminou no referido manifesto.



Figura 3 – Rio Negro (AM), 1978

Fonte: Acervo Prof^o Fabrício Fernandino (UFMG).

Como mergulhar neste Rio Negro e trazer a tona o Grito de Frans Krajcberg? Como estabelecer o diálogo com as sutilezas formais e conceituais das suas esculturas, desenhos, gravuras, relevos e fotografias, para reverberar este grito, que ecoa no âmbito das sensibilidades do sentir, do pensar e do agir?

ECOLOGIA PROFUNDA

Recorre-se a Azevedo e Valença (2006, p. 32) que ao evocar Ralph Waldo Emerson penetra no âmago da linguagem sensível, da arte da vida.

Aquele que vaga pelas florestas percebe o quanto era natural para a imaginação dos pagãos e artistas encontrarem deuses em cada bosque e em cada nascente. Para o pagão e para o artista a natureza não parece estar em silêncio, mas sedenta e ávida para irromper em música. Cada árvore, flor e pedra são investidas por eles de vida e de caráter. E é impossível que o vento, que sopra um som tão expressivo por entre as folhas não signifique nada.

Krajcberg em sua incursão reflexiva perante as dimensões da Natureza, e do lugar que o ser humano ocupa ratifica o teor do Manifesto do Rio Negro explicitado por Nunesmaia (2009, p. 42) no trecho que diz: “[...] a natureza pode dar um novo significado aos valores individuais de sensibilidade e criatividade na medida em que a percebemos como balança do nosso passado enquanto espécie, aberta sobre o nosso futuro no planeta Terra.”

Ao investigar a imersão na natureza como fonte primária de sua ininterrupta pesquisa no aprofundamento da linguagem da arte e suas possibilidades expressivas, identifica-se a poética e a metodologia do artista, que não se contenta apenas com o que a natureza lhe oferece, vai além, a transforma, explorando a organicidade de materiais, olhando e percebendo a natureza em uma escala maior. Na contemporaneidade, intensifica gradativamente a utilização da fotografia como referencial artístico que possibilita revelar imperceptíveis e variadas formas, sombras, luzes, cores, planos, linhas, texturas, movimentos, ritmos, espaços vibratórios de imagens documentos, elementos a serem trabalhados e reinventados em suas esculturas e relevos que o levam a afirmar que, a cada dia, só no convívio e na observação da natureza encontra uma arte completa.

Verifica-se que a relação intimista de Krajcberg com a fotografia, transmuta-se nas conotações documentais e artísticas dos registros. A dicotomia visual entre florestas queimadas, repensadas no vigoroso trabalho escultórico, e a exuberância íntegra e bela, ainda que em extinção, da biodiversidade da flora brasileira, é registrada sistematicamente pela cosmovisão de Frans Krajcberg e pode ser observada no contexto da exposição ‘Grito: Ano Mundial da Árvore’, ponto de partida de nossas reflexões.

Fotografa as queimadas e a sua ressignificação em arte, muitas vezes tendo o mar como fundo, criando um cenário imaginário de esperança e renovação de atitudes e valores. Fotografa também a estética ecológica da vida, assim como registra seu iminente desaparecimento.

Esta transmutação iconográfica, sobretudo a partir da primeira década do século XXI, insere um aspecto novo na sua comunicação estética, merecendo mais atenção e estudo, para que

se possa avançar no conhecimento da totalidade da obra do artista, dimensionando seu papel, e efetiva contribuição, enquanto participe da história da arte contemporânea brasileira e mundial.

A história da arte de Krajcberg transmite o conhecimento de que a diversidade é a grande riqueza encontrada na natureza, conforme citação em Ventrella e Bortolozzo (2007, p. 49): “Como artistas gastamos um tempo enorme pesquisando, relevos, texturas, grafismos, cores e tonalidades, quando tudo isso já se encontra a nossa disposição, precisamos reaprender com a natureza, e isto só será possível retornando a ela.”

A arte de Frans Krajcberg mobiliza continuamente nossas práticas culturais e estas mobilizam valores, ampliando a capacidade de perceber o nosso meio. Assim, ao dar forma a alguma coisa, o homem também se transforma, pois está interagindo constantemente com o ambiente, por meio de processos inventivos.

Contribuindo para este raciocínio, Sato (apud RIO APA, 2006) alega que:

[...] a natureza não pode ser separada de alguém que a percebe, ela nunca pode existir efetivamente em si porque suas articulações são as mesmas de nossa existência e porque ela se estabelece no fim de um olhar ou ao término de uma exploração sensorial que a investe de humanidade.

A ideia de haver só um tipo de flor ou árvore ou pássaro é tão inconcebível, como um mundo de seres humanos com iguais características. Os ecossistemas que parecem ser os mais produtivos e cheios de possibilidades são aqueles ricos em diversidade (CENTRO PARA ECOALFABETIZAÇÃO, 2000, p. 57).

ENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

“O que nos impede de imaginar a natureza se desejando arte?” indaga Krajcberg (MORAIS, 2000, p. 2). Indagação esta que remete a uma possível resposta da questão posta no corpo deste texto, se traduzida como uma atitude pedagógica do artista no desejo de potencializar a natureza e a arte como instrumentos de intermediação educativa.

Azevedo e Valença (2006, p. 33) sintetizam a História de processos civilizatórios que nos permite vislumbrar em Frans Krajcberg a essência de um eco-ser:

Da manufatura à maquinofatura. De 1800 a 2010. Da virada da energia humana, hidráulica e animal para a energia motriz. Do capitalismo comercial para o capitalismo industrial. Das utopias do século XVIII às distopias

hollywoodianas da atualidade. Da fragmentação do todo à compreensão do todo como sempre uno – e maior que a soma das partes. Da descoberta do ser a um *eco-ser*.

Quantas Guerras serão necessárias?

Como visto, duas guerras marcam de forma indelével a vida de Frans Krajcberg. O artista plástico que chega ao Brasil em 1948, fugindo dos horrores do holocausto, depara-se com uma barbárie similar, traduzida pelas queimadas criminosas das florestas brasileiras, com o agravante de se ignorar o povo que as habita, e toda a riqueza de sua biodiversidade, preponderante para o equilíbrio dinâmico da vida no Planeta azul.

Azevedo e Valença (2006, p. 33) sinalizam também para a progressão silenciosa da catástrofe ecológica: “De uma relativamente boa integridade ambiental, a um cenário agudo de destruição e de quase irreversibilidade. O que foi que se passou? E por que não nos avisaram? Será que ninguém terá percebido antes a ameaça e dado o **grito** sentinela do alerta?”

Ouçã-se a voz deste artista. Ou seria um **grito**, em formas poéticas de alerta?

Na contemporaneidade constata-se pelo planeta, que a industrialização não poupou o ambiente e as populações nativas. Que o enriquecimento do capital tem disseminado mais pobreza e lixo industrializado, pelo mundo todo, do que justiça social e desenvolvimento. O consumidor alienado, manipulado, naturalmente, tem um papel importante nesse teatro. E a tarefa de uma reeducação para a liberdade é bastante hercúlea (AZEVEDO, 2007, p. 34).

Em consonância com esta percepção da realidade mundial, a arte de Frans Krajcberg transcende o aspecto da estética, e conclama a subjetividade do **grito** por uma ecologia profunda, capaz de reconduzir os sujeitos para uma ética evolutiva no campo das relações, conforme sugerem Morin et al. (2003): “[...] todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e a consciência de pertencer à espécie humana.” Morin (1993, p. 70-71) ressalta ainda que: “[...] a vida é um universo borbulhante de bilhões e bilhões de indivíduos, e cada ser humano é um cosmos de sonhos, de aspirações e de desejos”.

Perplexo diante da visão contemporânea de mundo, suscitada por Azevedo e Valença, (2006, p. 43), a ecologia em Frans Krajcberg, rejeita a configuração social que enxerga o ambiente natural como fornecedor de recursos e serviços exclusivos para seres humanos, considerados superiores aos demais seres vivos, que buscam no crescimento material e econômico, a base para o “pseudoprogresso”, baseado na crença em inesgotáveis reservas de recursos naturais e em soluções alicerçadas em alta tecnologia, onde o consumo irrestrito é estimulado e se valoriza uma comunidade nacional hegemônica e centralizada.

Azevedo e Valença (2006, p. 47) ressoam o *grito* de Frans Krajcberg ao afirmarem a urgência de se estabelecer o equilíbrio com a Natureza, que tem valor intrínseco, que tem os seres

humanos como seus integrantes, ocupando o espaço planetário em convívio e relação com a vida das diferentes espécies. Reiteram que os objetivos materiais devem estar a serviço de objetivos maiores de autorrealização, de compromisso com o planeta que tem recursos limitados, alertando para o uso responsável de tecnologia e ciência apropriadas para o reconhecimento de tradições locais e de preservação dos ecossistemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capra (2006, p. 186-187) demonstra que o fenômeno da vida na Terra tem pelo menos três bilhões de anos de existência ininterrupta caracterizada pela crescente complexidade e pelas condições favoráveis para o desdobramento evolutivo. Entretanto, se focarmos nossa atenção no comportamento da sociedade, podemos constatar que os princípios que promovem a sustentabilidade no âmbito dos ecossistemas não são observados no contexto cultural da humanidade (CAPRA, 2006, p. 230).

Na lucidez dos sonhos, aspirações e desejos de Frans Krajcberg verifica-se que seu *grito* materializado na veemência da sua produção artística, é um chamado em favor da vida, em favor de um **‘Envolvimento sustentável’**, posto aqui como o conjunto “de políticas e ações direcionadas a manter o envolvimento das sociedades com suas referências culturais, com os ecossistemas locais, fortalecendo e expandindo os laços sociais, culturais, territoriais, econômicos e ambientais, objetivando a busca da sustentabilidade em todas essas dimensões.” (VIANA, 2000, p. 77-80).

Envolver-se é, portanto, respeitar a diversidade e a liberdade, exercer cidadania, ser ator da vida social, externar pensamentos, propor mudanças, contribuir proativamente, indagar, participar, inovar, objetivando o bem-estar coletivo e a qualidade no viver, lembrando que Frans Krajcberg não está sozinho.

O intuito ao deflagrar esta incursão dialética com o objeto de estudo – ‘A Estética e a Ecologia em Frans Krajcberg’ – coaduna com este movimento de propagação do respeito e preservação da diversidade cultural e biológica, que na contemporaneidade, perpassa pela premência da alfabetização artística e ecológica, em todos os níveis de formação humana.

Ressalta-se a necessidade de um estudo aprofundado, sob o prisma da História da Arte Brasileira, acerca deste fenômeno artístico que se transmuta em simbiose com a natureza ‘do e no’ Brasil, que contribua para ampliar a compreensão de aspectos de sua poética e de sua estética ecológica, que como visto, transpõe limites entre sujeito e objeto, e intensifica o *grito* de alerta para a ética relacional entre os seres humanos e destes com o planeta Terra.

Aesthetics and Ecology in Frans Krajcberg

Abstract

Emphasizes the relationship between thought and engagement ecological Krajcberg Frans and his poetic art, verified by approximating the curatorial perspective of the artist, the exhibition “Scream: Year World Tree”, held in room Contemporary Art Palace of Arts - Rodin Bahia, from April 7 to July 17, 2011, in the city of Salvador. The route runs through this article for constructive set of selected works by the artist to design the composition expography, punctuating the representativeness of the cut made to understand the creative process Krajcberg for decades. It talks about the relevance of his ideas, which since the 1950s exacerbated the constructive possibilities of a new visuality, politically committed to the environmental issue and that, upon entering the second decade of this century, remains innovative, creating strategies symbolic and metaphoric communication with the interactor, appropriating multiple techniques for renewing talks imagistic ratify and reverberate her cry in favor of Life. The dialectic of his work and life provokes scathing reflections, setting this text interfaces subtle with authors such as Fritjof Capra, Edgar Morin, Paulo Freire, Fausto Azevedo, among others.

Key words: Frans Krajcberg. Integral Naturalism. Art. Ecology.

Referências

ALBUQUERQUE, Jean. **Retrato histórico de Nova Viçosa-Bahia**. Nova Viçosa, BA: Jean Albuquerque, 2006.

ARTE moderna brasileira: uma seleção da coleção Roberto Marinho. Tradução Stephen Berg. São Paulo: MASP, 1994. 147 p., il. color.

AYALA, Walmir. **A criação plástica em questão**. Petrópolis: Vozes, 1970.

AZEVEDO, Fausto Antonio de; VALENÇA Mariluce Zepter. Do anarquismo ao ambientalismo: de Thoreau a Næss. **TECBAHIA R. Baiana Tecnol**, Camaçari, v. 21, n. 2-3, p. 32-62, maio/dez. 2006.

BAUMEISTER, Willi. Willi Baumeister. **Obvios um Olhar mais Demorado**, São Paulo, 8 mar. 2005. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2005/03/willi_baumeiste_1.html#ixzz1OR4cH6Gt>. Acesso em: 29 maio 2011.

BONI, Zé de. **Verde lente**: fotógrafos brasileiros e a natureza. São Paulo: Empresa das Artes, 1994. 228 p., fotos p&b, color.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **As conexões ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CENTRO PARA ECOALFABETIZAÇÃO. **Ecoalfabetização**: preparando o terreno. Califórnia: Learning in the Real World, 2000.

DUARTE, Paulo Sergio. **Anos 60**: transformações da arte no Brasil. [S.l.]: Campos Gerais, 1998. 321 p.

ESMERALDO / Krajcberg. Fortaleza: Arte Galeria, 1986. il., p&b, fotos.

FABRIS, Annateresa et al. **Tridimensionalidade**: arte brasileira do século XX. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Itaú Cultural; Cosac & Naify, 1999.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 3. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

HERKENHOFF, Paulo. **Arte brasileira na Coleção Fadel**: da inquietação do moderno à autonomia da linguagem. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2002.

INSTITUTO ITAÚ CULTURAL. **Enciclopédia Itaú Cultural**: artes visuais. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1834&cd_idioma=28555&cd_item=3>. Acesso em: 12 jul. 2009.

JUSTINO, Maria José. **Frans Krajcberg**: a tragicidade da natureza pelo olhar da arte. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005. 93 p.

KRAJCBERG, Frans. **Frans Krajcberg**. Paris: Grande Halle de la Villette, 1996. il., figs., fotos.

_____. Frans Krajcberg. In: **MODERNIDADE**: arte brasileira do século XX. São Paulo: Hamburg, 1988a.

_____. Frans Krajcberg: a arte como revolta. In: **FRANS Krajcberg revolta**. Rio de Janeiro: GB Arte, 2000a.

_____. **Frans Krajcberg**: imagens do fogo. Rio de Janeiro: MAM, 1992. 67 p., il. p&b., color.

_____. **Grito!**: ano mundial da árvore. Salvador: Palacete das Artes Rodin Bahia, 2011a. 64 p., fotos, color. Catálogo.

_____. **Krajcberg**. Rio de Janeiro: Galeria Jean Boghici, 1981a.

_____. **Krajcberg**. São Paulo: Skultura Galeria de Arte, 1981b. il., color.

_____. **Queimadas**. Salvador: CRA-BA, 2008a.

_____. **Natura**. Rio de Janeiro: GB Arte, 2000b. il., color.

_____. **Natura**. Apresentação de Milú Vilela. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2008b. 104 p.

_____. **Natureza**. Salvador: Palacete das Artes Rodin Bahia, 2011b. Fotos, color.

_____. **Revolta**. Rio de Janeiro: GB Arte, 2000c. il., color.

_____. **Revolta**. Versão em inglês Carolyn Besset e Derrick Phillips. Rio de Janeiro: GB Arte, 2000d. 192 p., il., color.

LAKS, Sergio (Coord.). **Gravura moderna brasileira**: acervo Museu Nacional de Belas Artes. Apresentação Luiz Paulo Fernandez Conde, Helena Severo, Heloisa Aleixo Lustosa. Rio de Janeiro: MNBA, 1999a. 135 p., il. p&b, color.

LEIRNER, Sheila. **Arte como medida**: críticas selecionadas. São Paulo: Perspectiva, 1982.

LEITE, José Roberto Teixeira. **Dicionário crítico da pintura no Brasil**. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988b. 555 p., il. p&b, color.

_____. **500 anos da pintura brasileira**. Produção Raul Luis Mendes Silva, Eduardo Mace; design Alessandra Gerin; trilha sonora Roberto Araújo. [S.l.]: Log On Informática, 1999b. 1 CD-ROM.

LOLATA, Priscila Valente. **Marepe**: memória, devaneio e cotidiano na arte contemporânea da Bahia. 243 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas, Salvador, 2005.

MELLO, Thiago de. **Krajcberg**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2007. 240 p.

MODERNIDADE: arte brasileira do século XX. São Paulo: MAM, 1988. 32 p., il., p&b, color.

MORAIS, Frederico. **Cronologia das artes plásticas no Rio de Janeiro**: da missão artística francesa à geração 90: 1816-1994. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

_____, Frederico. Frans Krajcberg: a arte como revolta. In: **FRANS Krajcberg Revolta**. Rio de Janeiro: GB Arte, 2000.

MORIN, Edgar. BAUDRILLARD, Jean; MAFFESOLI, Michel. **A decadência do futuro e a construção do presente**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1993.

MORIN, E.; CIURANA, E-R.; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003. 112 p.

NUNESMAIA, Magaly Pessoa. **Uma proposta ecopedagógica em espaços museais referendada na obra de Frans Krajcberg**. 2009. 65 f. Monografia (Especialização em Arte-Educação: Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

OLIVEIRA, Luiz Antonio Cesário de. **Uma obra a ser realizada**: a compreensão bio-sócio-ambiental através da arte da vida. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Interunidades em Estética e História da Arte) – Escola de Comunicação e Artes, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PONTUAL, Roberto. **Entre dois séculos**: arte brasileira do século XX na coleção Gilberto Chateaubriand. Prefácio Gilberto Chateaubriand; apresentação M. F. do Nascimento Brito. Rio de Janeiro: Edições Jornal do Brasil, 1987. 585 p., il., color.

POUGY, Eliana. **Suplemento didático**. São Paulo: Moderna, [s.d.]. Baseado na publicação de Roseli Ventrella e Silvia Bortolozzo, Frans Krajcberg: arte e meio ambiente. São Paulo: Moderna, 2007.

RIANI, Mônica. O senhor das tormentas. Palavra, Belo Horizonte, ano 2, n. 15, 2000.

RIO APA, Hatsi C. G. **A utilização da arte como ferramenta para educação ambiental.** Revisão bibliográfica – Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. 29 p.

SANT'ANA, Renata; PRATES, Valquíria. Frans Krajcberg: a obra que não queremos ver. São Paulo: Paulinas, 2009. Inclui livro-exercício.

SCOVINO, Felipe. **Questões ambientais na arte contemporânea brasileira.** Goethe Institute, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.goethe.de/ins/br/lp/kul/dub/umw/pt6907963.htm>>. Acesso em: 29 maio 2011.

VENTRELLA, Roseli; BORTOLOZZO, Silvia. **Frans Krajcberg: arte e meio ambiente.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2007. 72 p. (Coleção arte & contexto).

VIANA, Virgílio M. Envolvimento sustentável e conservação das florestas brasileiras. **TECBAHIA R. Baiana Tecnol.**, Camaçari, v. 15, n. 1, p. 77-80, jan./abr. 2000.

ZANINI, Walter (Org.) **História geral da arte no Brasil.** Apresentação Walther Moreira Salles. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles; Fundação Djalma Guimarães, 1983. 2 v. 616 p., il. color.

Websites consultados

BOLSA DE ARTE DO RIO DE JANEIRO. KRAJCBERG, Frans. Disponível em: <<http://www.bolsadearte.com/biografias/krajcberg.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2011.

ETNA GALERIA DE ARTE. Frans Krajcberg (1921). Disponível em: <http://www.etna.net.br/samba/index.php?option=com_content&view=article&catid=82:artistas&id=224:frans-krajcberg-1>. Acesso em: 22 mar. 2011.

FRANS KRAJCBERG. Disponível em: <<http://www.krajcberg.vertical.fr/>>. Acesso em: 22 mar. 2011.

INSTITUTO ITAÚ CULTURAL. Krajcberg, Frans (1921). Enciclopédia Itaú Cultural de artes visuais. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1834&cd_idioma=28555&cd_item=3>. Acesso em: 22 mar. 2011.

KRAJCBERG: Filme independente sobre Frans Krajcberg. Disponível em: <<http://krajcberg.blogspot.com/2010/01/filme-independente-sobre-frans.html>>. Acesso em: 22 mar. 2011.

MARICI BROSS. Frans Krajcberg. Disponível em: <http://www.maricibross.com/frans_krajcberg.htm>. Acesso em: 22 mar. 2011.

PINAKOTHEKE SÃO PAULO. Exposição escultores e esculturas. Disponível em: <<http://www.pinakotheke.com.br/1046/sp/detexpoant0102.asp>>. Acesso em: 22 mar. 2011.

Notícias

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. Frans Krajcberg, artista da natureza brasileira, ganha pavilhão no Ibirapuera. Notícias. 15 out. 2006. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/noticias/index.php?p=12828>. Acesso em: 22 mar. 2011.

Correspondência

MAGALY PESSOA NUNESMAIA
Av. Princesa Leopoldina nº 419 - Apto 501 - Graça
41720-030 - Salvador - BA
ecorrastros@gmail.com

Recebido em 05.02.2013

Aprovado em 14.06.2013

